

O que eu desejo pra nós, neste dia em que grande parte do mundo celebra a vi(n)da do Cristo Jesus, é que redescubramos o real sentido da palavra Amor. Que nos descontaminemos dos paradigmas construídos socialmente ao longo dos séculos - não por acaso, a partir de uma visão de mundo praticada e pregada hegemonicamente por homens brancos europeus - que nos vem condicionando a aceitar estas ficções que nos fazem crer que os recursos naturais devem ser conhecidos (água, terra, plantas, animais, gente) para que possam ser dominados e explorados em benefício dos "mais capazes" (créditos a um senhor chamado Francis Bacon por essa); ou que somos seres incapazes de compaixão que dependemos de um controle externo (dos tais "mais capazes", representados por um Estado que tudo pode) para que não nos exterminemos (cortesias de Mr Thomas Hobbes); ou ainda, que todas nossas ações - inclusive o impulso amoroso - são motivadas pela busca de satisfação sexual (como disse dr. Freud, inspirado pelo senhor supracitado), força que deve ser sublimada, reprimida, recalcada, para que possamos conviver em relativa harmonia e apesar do sofrimento causado pelo esforço de negarmos uma força tão vital. Que recuperemos a noção de que vivemos em interdependência, quer queiramos, quer não, e que é somente colaborando com a natureza e entre nós que a nossa vida em comum pode se expressar em plenitude; que foram a compaixão e a empatia (relegados, quase que exclusivamente e, a meu ver, também não por acaso, ao chamado universo feminino) que nos mantiveram vivos até hoje, como espécie. Que o amor é soberano, não serve a outro senhor que não a si mesmo, e é, em si, a força que nos anima, nos motiva e nos faz querer estarmos juntos e cuidarmos umas dos outros. Talvez, assim, possamos finalmente atender, com muita alegria, ao único pedido que este mestre espiritual nos deixou: que amemos umas aos outros, assim como ele nos amou.

Eu tenho acompanhado e apoiado diversas pessoas de várias formas ao longo deste ano, especialmente através de escuta empática, e venho observando e ouvindo o quanto as pessoas envolvidas em ativismos vários (dentre as quais eu me incluo) estamos descuidadas, adoecidas física e mentalmente, relutando em buscar apoio - talvez porque saibamos que as pessoas dispostas a nos apoiar das maneiras que sentimos que precisamos também estejam em falência empática, tanto quanto várias de nós. Engajar no trabalho de transformação profunda que é tão necessário para que a vida possa se manifestar em plenitude exige muita energia e bastante responsabilidade. O autocuidado faz parte desta responsabilidade, já que só podemos estar presentes para apoiar responsabilmente outras pessoas se estivermos bem. Autocuidado é uma necessidade vital e premissa básica do trabalho terapêutico. Infelizmente, vejo que no ativismo é algo muito negligenciado, apesar de sua evidente importância. Audre Lorde, poeta estadunidense e uma das principais ativistas do movimento feminista negro, escreveu, enquanto lutava com o câncer que terminou por matá-la: "Cuidar de mim mesma não é autoindulgência: é autopreservação, e é um ato de luta política".

Convido todas nós, no ano que se aproxima, a contemplar esta necessidade, a descobrir as coisas que melhor nos cuidam e a praticá-las, a estarmos mais dispostas a cuidarmos de nós mesmas como prática política, para que tenhamos energia para continuar cuidando umas dos outros o melhor que pudermos. Vamos precisar. Muito.